



Interdisciplinary

LINKSCIENCEPLACE

DOI: 10.17115

ISSN: 2358-8411

Scientific Journal

Interdisciplinary Scientific Journal. ISSN: 2358-8411

Volume 13, article nº 07, January/March 2026

D.O.I: <http://dx.doi.org/10.17115/2358-8411/vXnXaX>

Accepted: 20/09/2025 Published: 30/11/2025

RURAL YOUNG: UNIVERSITY PERMANENCE AT UFF CAMPOS

JOVENS RURAIS: PERMANÊNCIA UNIVERSITÁRIA NA UFF CAMPOS

Thaynara Ferreira Maciel (UFF) ¹ , Beatriz Corsino Pérez (UFF) ² .

Abstract - The municipality of Campos dos Goytacazes is a reference for higher education in the northern region of the state of Rio de Janeiro, with several public and private universities. This research aims to analyze the permanence of young people from rural areas of Campos dos Goytacazes at the Fluminense Federal University, given that the expansion of the university profile as a result of affirmative action policies has also changed the challenges faced in terms of student permanence, which can be understood on two levels: material and symbolic. To this end, bibliographical research was carried out on university permanence, youth and territory, together with interviews with six rural young people from different courses at UFF Campos and with the student assistance team. The results show that many young people receive aid and grants to help them stay at university, but they also highlight student assistance projects and participation in research and extension groups that contribute to their sense of belonging to the university and to their symbolic permanence. However, there is still a need to expand student assistance policies to cover more students.

Keywords: University permanence; Rural Young; Public higher education.

Resumo - O município de Campos dos Goytacazes é referência na Educação Superior da região norte do Estado do Rio de Janeiro, com a presença de diversas universidades públicas e privadas. Esta pesquisa tem como objetivo analisar a permanência dos jovens de zonas rurais de Campos dos Goytacazes, na Universidade Federal Fluminense, dado que, com a expansão do perfil universitário a partir das políticas de ação afirmativa, muda-se também os desafios enfrentados para a permanência estudantil, que pode ser compreendida em dois níveis: material e simbólica. Para isto, foram realizadas buscas bibliográficas sobre permanência universitária, juventude e território, juntamente com entrevistas feitas com os seis jovens rurais de diferentes cursos da UFF Campos e com a equipe da assistência estudantil. Os resultados apontam que muitos jovens contam com auxílios e bolsas que ajudam na permanência material, mas destacaram também projetos da assistência estudantil e a participação em grupos de pesquisa e extensão que contribuem para o sentimento de pertencimento ao espaço universitário e para a permanência simbólica. Entretanto, ainda há a demanda para ampliação das políticas de assistência estudantil de forma a contemplar um maior número de estudantes.

Palavras-chave: Permanência universitária; Jovens rurais; Ensino Superior público.

¹ Graduação em Psicologia pela Universidade Federal Fluminense (UFF)

² Professora Doutora em Psicologia - Universidade Federal Fluminense (UFF)

INTRODUÇÃO

Muito se fala do ingresso de jovens moradores da zona rural ao Ensino Superior, mas pouco é visto sobre como se dá a permanência deles nessas instituições. Por isso, este estudo busca analisar os desafios encontrados por estes para ingressar e, principalmente, permanecer no Ensino Superior público localizado no município de Campos dos Goytacazes/ RJ, especificamente, na Universidade Federal Fluminense. A partir da compreensão do contexto que estão inseridos, da situação de vulnerabilidade socioeconômica que muitos se encontram, do fenômeno de isolamento social vivenciado pelas localidades rurais do município, a dificuldade de mobilidade, as Políticas Públicas de permanência nem sempre efetivas ou amplamente contemplativas, buscamos compreender como esses elementos afetam a permanência dos jovens rurais ao Ensino Superior público, que é localizado na região central do município.

Pois, ainda que exista “o mito da igualdade de oportunidades, garantida pela educação escolar financiada pelo Estado” (Patto, 2022, p. 44), ao se considerar o afastamento da zona urbana, a zona rural acaba sofrendo uma desvalorização social, pela estigmatização da população ali presente e a exclusão - pela invisibilidade das suas demandas - ao acesso de programas e dos serviços públicos (Castro, 2009). Como consequência, há uma menor perspectiva de oportunidades e de ampliação do seu futuro, onde há uma forte crença - fatalismo - na sua população, não diferente nos jovens, que seria essa “característica pessoal” que traz sentido aos acontecimentos de sua vida, como se esses acontecimentos já estivessem determinados e que nada poderia ser feito em relação a isso, apenas aceitar o “seu destino”, pois não adiantaria “brigar” com o mesmo (Martin-Baró, 2017). Mas, além disso, romper com o fatalismo não é suficiente para criar um espaço para os jovens rurais no Ensino Superior, é preciso, também, de Políticas Públicas voltadas para a sua permanência, além de Políticas Públicas municipais voltadas à melhor mobilidade urbana. Por fim, como relata Patto (2022), nenhum indivíduo nasce enquanto ser social e político, a educação - enquanto socializadora - tem um papel fundamental nessa construção.

Com isso, busca-se entender como se dá, atualmente, a permanência dos jovens rurais que estão matriculados nos cursos da Universidade Federal Fluminense (UFF) em Campos dos Goytacazes, quais estratégias utilizam, quais desafios enfrentam e quais políticas de permanência são ofertadas, para os mesmos, pela instituição. Sendo estas: permanência material, referentes às questões de sustentação básica, como gasto com passagem, alimentação e outros e, a permanência simbólica, voltadas ao se sentir pertencente daquele meio, como identificação com o curso, com a turma, postura dos professores, afetamentos na autoestima (Paes; Barcelos, 2017).

METODOLOGIA

A metodologia aplicada a esta pesquisa é do tipo qualitativa, tendo como procedimentos o levantamento bibliográfico e a análise das entrevistas semiestruturadas. Com isso, realizou-se buscas bibliográficas sobre as temáticas de juventude rural, da expansão do Ensino Superior, juntamente com a permanência neste. Todos esses pontos tiveram buscas, também, especificamente dentro do território pesquisado, sendo este Campos dos Goytacazes.

A partir disso, foram feitas entrevistas com uma das assistentes sociais da Assistência Estudantil da Universidade Federal Fluminense- Campos, Cassiana Simões (2023), juntamente com a única psicóloga do setor, Letícia Ferrari (2024), para que fossem encontrados melhores dados sobre o funcionamento específico da Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) na instituição. Além disso, voltou-se o protagonismo para o público aqui pesquisado, através de entrevistas semiestruturadas com

seis jovens rurais, que foram escolhidos considerando a diversidade dos cursos que estão matriculados na UFF e os vários locais de origem em Campos dos Goytacazes, entre estes, estão os bairros: Arraial, Bugalho, Donana, São Sebastião e Ururáí.

DESENVOLVIMENTO

Permanência universitária

As políticas de ampliação de acesso ao Ensino Superior transformam o perfil universitário, que passa a contar com estudantes oriundos de diferentes contextos, classes sociais, culturas e outras variações, com isso, notou-se a necessidade de políticas voltadas para as mais variadas formas de permanência. Quando se diz sobre permanência universitária, quer dizer sobre instrumentos e possibilidades que permitem ao estudante permanecer na instituição ou, até mesmo, situações que diminuem a chance de sua evasão, ou seja, a permanência universitária é uma problemática cotidiana das instituições, pois está presente do início ao fim da vida acadêmica de todos os estudantes universitários. Pensando nisso, foi sancionada a LEI nº 14.914/2024 firmando o compromisso com os programas de assistência, com a Política Nacional de Assistência Estudantil (PNAES), no governo de Luiz Inácio Lula da Silva, que veio com o objetivo de democratizar a permanência universitária, da mesma forma que - anteriormente - foi democratizado o acesso ao Ensino Superior público. Diminuindo as taxas de evasão pela não condições de permanência, a partir da diminuição da desigualdade social e regionais desta. Essa política veio como tentativa de, finalmente, alcançar a inclusão social na educação pública. A PNAES orienta o Programa de Assistência Estudantil (PAE), como determinado no seu Art 3º (2010), a: moradia estudantil, alimentação, transporte, atenção à saúde, inclusão digital, cultura, esporte, atendimento pré-escolar a dependentes, apoio pedagógico e acesso, participação, aprendizagem e acompanhamento pedagógico de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento ou com altas habilidades e superdotação e, beneficiários de políticas de ação afirmativa estabelecidas na legislação.

O Programa de Assistência Estudantil não é como uma regra de conduta a cada instituição, pois em seu próprio decreto institui que cabe a cada instituição ditar como serão os seus próprios critérios e métodos para pôr esta política em funcionamento, a partir das demandas particulares encontradas em cada uma. Por exemplo, algumas instituições, a partir da sua expansão, fornecem aos seus estudantes espaços como dormitórios e restaurantes universitários, mantidos pela PNAES, já outras instituições não contam com esses espaços, utilizando então outros instrumentos de permanência como bolsas e/ou auxílios moradia e alimentação.

Entretanto, a política de permanência universitária é muito mais ampla, tendo o programa de assistência estudantil apenas como um dos seus papéis, ou seja, não se restringe apenas às questões de vulnerabilidade, como relata Vargas e Heringer, “as políticas de permanência devem ser pensadas para todo e qualquer estudante universitário, enquanto as políticas de assistência se destinam àqueles em situação de vulnerabilidade” (Vargas; Heringer, 2017, p. 6). Com isto, acrescenta-se que a permanência universitária também está nos programas de iniciação científica e de extensão, nos eventos da instituição e dos próprios cursos, em congressos, programas de monitoria, grupos de estudo, grupos de apoio a saúde mental, entre diversos outros meios de vincular o estudante aos demais e a instituição, produzindo sentimento de pertencimento e motivação, autoestima, entre outros com um papel importante para sua permanência.

Segundo Paes e Barcelos (2017), a permanência se dá de duas formas, podendo ser permanência material e permanência simbólica. A permanência material trata-se do que já foi bastante exposto aqui, como as condições físicas da instituição, biblioteca, laboratórios de informática, restaurante uni-

versitário, entre outros espaços que possibilitem os estudos, juntamente com as condições financeiras para a compra de material, para utilizar o transporte público ou próprio, alimentação, entre outros, sendo estas necessidades materiais básicas da vida universitária. Já a permanência simbólica trata-se de condições além das palpáveis, como o sentimento de pertencimento com a instituição, com o curso e com a turma, da interação com os professores e os demais estudantes, autoestima, saúde mental, apoio familiar, conhecimentos pedagógicos, entre outros. Ambas formas de permanência influenciam na vida acadêmica do universitário e, por vezes, se integram, como por exemplo, um estudante que não consegue se alimentar adequadamente poderá ter consequências em sua saúde mental, da mesma forma que um estudante que não se vê apto ao seu curso, por questões de autoestima e/ou pertencimento, não participará de eventos nos espaços da instituição, ou seja, as formas de permanência podem se influenciar simultaneamente.

Permanência universitária na UFF Campos

Iniciaremos a problemática da permanência universitária na UFF Campos com Simões, assistente social da Assistência Estudantil desta Universidade, que em sua pesquisa expõe a ideia de inclusão-exclusão, “pois possibilita aos grupos marginalizados o ingresso na universidade, mas ao mesmo tempo não são viabilizadas condições efetivas de permanência deste alunado.” (Simões, 2018, p. 81).

Pois, deve-se refletir que quando se fala sobre a PNAES, a Política Nacional de Assistência Estudantil, fala-se sim de uma política de direito estudantil e de uma vitória estudantil, mas, além disso, fala-se de uma desigualdade social que ainda permeia a realidade brasileira e a ocupação desse espaço. Ou seja, a PNAES é uma conquista, mas uma conquista que veio pela consequência de uma expansão que veio de forma despreparada, um espaço que se tornou de acesso, mas foi notado que não se tornou de permanência, a entrada de alguns públicos, tornou-se também a maior evasão do mesmo, pensando nisso, surge o decreto de uma nova ampliação, agora de permanência.

E, como visto anteriormente, os institutos têm autonomia para como se dará o seu uso da PNAES, cada um, a partir de suas demandas, dita como dará a sua distribuição, no caso da UFF/Campos, até o presente momento, se dá da seguinte forma: auxílio alimentação, auxílio moradia, auxílio transporte, auxílio ao aluno com deficiência, auxílio saúde, auxílio de apoio a gestante, auxílio acolhimento para estudantes ingressantes, programa auxílio educação infantil, bolsa emergencial e bolsa desenvolvimento acadêmico. Cada uma dessas modalidades tem seu público e demanda específica, além dos seus critérios de inscrição e desempate. Algumas variam no valor recebido e tempo de recebimento. Como ponto em comum, todas têm como foco o atendimento a estudantes que vieram da rede pública e que possuem, no ato da inscrição, a renda familiar per capita de 1,5. Além desses auxílios e bolsas, outros meios de renda que contribuem para a permanência de alguns alunos estão na bolsa de monitoria, programas de iniciação científica, de extensão e apoio à participação em eventos.

Pensando na autonomia institucional para usar a PNAES, houve - em 2023 - uma entrevista com a assistente social, Cassiana Simões, da UFF/Campos, para compreender mais detalhadamente o funcionamento dentro desta instituição. Entendendo-se, que a atuação da Assistência Estudantil não resume-se apenas na execução de políticas de assistência estudantil, apesar de este ocupar grande e importante objetiva nas suas ações, o seu papel também se desdobra na política de permanência geral, pois a permanência é pensada para todos, enquanto a assistência se dá para os que estão em situação de vulnerabilidade (Simões, 2018), ou seja, a Assistência Estudantil não está atenta apenas a permanência material dos estudantes e não faz ações destinadas apenas a essa. Mas, também executam outras ações, destinadas a, também, permanência simbólica, com acolhimentos, orientações e encaminhamentos, além de contato com a família quando necessário, também faz parcerias com

outras instituições com objetivo de realizar atividades educativas na instituição, a partir de algumas demandas, além de outras possibilidades de atuação.

Nisso pode ser visto a atuação ativa da psicóloga da instituição, Letícia Ferrari, que, segundo a mesma relata em entrevista (2024), atua em atendimentos individuais, projetos de saúde mental e de outras temáticas importantes, com convidados, além de também fazer encaminhamentos, como os feitos para o núcleo pedagógico da UFF Campos, como também os externos, feitos para outros equipamentos, como CRAS e CAPs, entre outros. Atendimentos individuais, que em sua maioria são encaminhados por professores, ao perceberem alguma dificuldade dos alunos, até mesmo crises de ansiedade em sala de aula. Algumas vezes se dá em acolhimentos individuais pontuais e únicos, mas em alguns casos acontecem mais de uma vez, principalmente, quando não se consegue encaixar esse aluno em algum equipamento da rede de atenção psicossocial ou quando é uma demanda institucional, de conflito desse aluno com algum professor, por exemplo.

O maior foco dos atendimentos individuais, que a Letícia Ferrari nos traz, é o de analisar as principais demandas e formar grupos, sendo este uma de suas principais atuações na instituição. O primeiro grupo criado por ela foi o Grupo de Acolhimento ao Ingressante (GAI), em 2020, período de pandemia onde as aulas estavam acontecendo remotamente, a partir da preocupação com aqueles que estavam começando a vivenciar a experiência da universidade de forma remota, sem o contato presencial com outros colegas, com professores, com a instituição, além de muitos nem conhecerem o município a qual a universidade faz parte. Com encontros quinzenais, o GAI tinha como objetivo falar das ansiedades do ensino remoto, trabalhar angústias e empatia, além de ser um espaço de interação entre os alunos, já que as salas de aulas remotas não propunham isso e - neste contexto - não existia o pátio da instituição como espaço de sociabilidade. Mesmo sendo criado em contexto atípico, o GAI se mantém, visto o reconhecimento de sua importância, de trocas e auxílio dos desafios frente a entrada na universidade. Posteriormente, outro grupo criado é o “Manejando a Ansiedade”, a partir das demandas individuais que mais surgiram no ano de 2023, utilizando técnicas da Terapia Cognitivo Comportamental, como a psicoeducação, técnicas de respiração e relaxamento, acontece em cinco encontros oferecidos e um único momento do semestre, com sua participação sendo a partir de inscrições, por ser um grupo terapêutico.

Atualmente a Assistência Estudantil da UFF/Campos consta com três assistentes sociais, que atuam na avaliação socioeconômica para bolsas, no acolhimento, visitas domiciliares e institucionais, que constam, por exemplo, em visitas para alunos em internação e em visitas para articulação de parceria, respectivamente, entre outras formas de atuação. Também, duas estagiárias de serviço social, que acompanham os atendimentos, estudos de caso e auxiliam em projetos. Juntamente com uma psicóloga, que atua fazendo acolhimentos, grupos de conversa, como o “Manejando a Ansiedade”, acompanhamento mais frequente de alguns alunos, articulações em projetos, entre outras ações. Também conta com um técnico administrativo, que atua na organização de planilhas de bolsistas, triagem em whatsapp e e-mails e, uma recepcionista, com atendimento inicial e agendamentos necessários, entre outras funções.

Para além dessas atuações dos profissionais da Assistência Estudantil, algumas parcerias com profissionais externos são feitas, quando se percebe a sua necessidade, em temáticas como violência, carreira profissional, programas de saúde, em parceria com secretarias e outros departamentos do município. Realizando o contato e convite, que quando aceito, é planejado e divulgado o encontro, em formato de palestra ou roda de conversa. Além disso, desde 2023, em todo início de semestre acontece, a partir da organização da AE, a “Semana de Acolhimento”, com todos os profissionais, que atendem o público da instituição, realizando palestras, como a psicóloga, assistentes sociais, acessibilidade, pedagogas, bibliotecária, entre outros, destinado a todos ingressantes, convidados por e-mail.

“A UFF é como um pai”: o sentimento de cuidado e pertencimento universitário

Muito já foi visto sobre permanência universitária, políticas públicas criadas para diminuição da evasão universitária e diminuição da desigualdade do acesso e permanência na mesma. Também já foi exposto aqui sobre o papel da Assistência Estudantil nas universidades, com foco na UFF Campos, juntamente com seus auxílios e bolsas, que contribuem para a permanência material, também projetos, atuações e parcerias que afetam no sentimento de pertencimento, promovendo a permanência simbólica. Agora será visto a visão de alguns alunos perante seus desafios e o impacto desses auxílios para as suas vidas e conclusão do Ensino Superior, utilizando para isso nomes fictícios.

Pensar a universidade como um pai, num primeiro momento, pode parecer algo que remete a proteção e cuidado, assim como seria o imaginário de um pai ideal, mas o contexto desse enunciado não foi esse. A fala dita por Helena, ao ser questionada sobre o que sente por estudar na UFF, denuncia como é o seu sentimento dentro da instituição, ao não se sentir acolhida pela mesma. Ela justifica: “um pai, porque assim, você fica meio que por você mesmo, se você não procurar, se você não bater cabeça, você não tem nada não” (2023), Helena demonstra como sente a dificuldade de comunicação e de obter informação dentro da instituição.

Um pouco dessa falta pode ser compreendida quando todos os entrevistados negaram ter participado de algum projeto da Assistência Estudantil, e relataram até mesmo desconhecer os projetos ou as contribuições da AE, para além do material, com auxílios e bolsas. Mas, em contrapartida, mesmo nunca tendo participado, houve relatos de já ter visto divulgação de alguns, como no relato do Erick “o Cuca Legal eu conheço, mas não participei. Logo que eu entrei teve alguma coisa dele, em 2019.1, tinham cartazes deles bem espalhados, mas nunca participei” (2023), também em mídias sociais, como comenta Caique, que diz conhecer os projetos por “postagens na internet, instagram e facebook” (2024), ou mesmo no relato do Pedro “cheguei a perguntar, interesse de participar, mas não entrei, nunca fui” (2023), mostrando que esses projetos eram divulgados e chegaram ao conhecimento de alguns, principalmente, a partir de 2019, quando eles começaram a ser mais frequentes.

Porém, apesar de muitos pontos em comuns da permanência dentro do espaço universitário, nenhuma dessas vivências foram totalmente iguais quando observamos seus contextos, incentivos externos, motivações acadêmicas e subjetividade. Cada um a experiencia da sua forma, então não existe um único sentimento, como relatado anteriormente. Por exemplo, a Helena não se sente acolhida pela instituição, mas, em contrapartida, esse é um sentimento presente na experiência do Erick, desde o início, como em seu relato:

Eu nunca imaginei que fosse gostar tanto daquele lugar (UFF) [...] quando eu fui fazer a matrícula, as pessoas foram tão receptivas, que eu acabei gostando mais e acho que eu, como pessoa, acabei me desenvolvendo mais, passei a olhar muito para as pessoas, passei a entender mais o lado das outras pessoas, eu era muito fechado. (Erick, 2023)

A experiência dentro da instituição vai muito além do que ela propõe ou de suas faltas, ela também vem a partir das experiências anteriores de cada indivíduo, as expectativas em relação ao ensino superior e ao cursar uma graduação pública. Como exemplo, os alunos que ingressaram na UFF direto do ensino médio ou que não estavam cursando a sua primeira opção de graduação acabaram demonstrando menores expectativas em relação à instituição, pois não a comparavam com outras e não demonstraram esperar muito do curso, por ser uma segunda opção frente aos seus objetivos, como é o caso da Gabriela:

Não era a minha primeira opção né, minha primeira opção seria nutrição, mas aqui em Campos não tem pública, eu também não teria condições para pagar, e aí geografia é um curso que eu mais me identifiquei pela localidade da UFF ser aqui na 28 [Avenida 28 de Março]. (Gabriela, 2023)

O mesmo aconteceu com o Caíque (2024), que não ingressou em sua primeira opção, mas fez da oportunidade de entrar na UFF como um caminho para chegar no objetivo principal, quando relata “inicialmente eu entrei em ciências sociais com a ideia de trocar, quando chegasse naquela prova [transferência interna] trocar”. Ou, casos como o da Samanta (2023) “então, na verdade não foi uma escolha direta, eu coloquei lá a nota de corte, aí caiu serviço social [...] mas nunca foi o meu sonho entendeu? coincidiu e eu fiz” . Então, a escolha do curso se deu por motivações diversas, como a sua localização, a oportunidade de estudar numa universidade pública e a nota de corte para o ingresso, mas nessas escolhas muitos se encontraram e se sentiram satisfeitos com seus atuais cursos, como Samanta e Caíque, que estão perto da sua conclusão.

Já os alunos que tiveram experiências em outras instituições, em cursos que gostavam, ingressaram na UFF com mais expectativas, como o caso da Helena. Ao contrário da UFF, que é vista como um pai, o cuidado da instituição que estudou anteriormente era comparado com uma mãe, “eu vim do IFF e o IFF tem essa coisa de mãe” (Helena, 2023), como aquela que abraça, cuida e se preocupa. E, quando o aluno também vem com grandes expectativas com o curso, como se esse tivesse a missão de realização, sendo sua “aposta final”, de encontrar o curso que te faz feliz, como o caso do Pedro, que sentiu muitas dúvidas quanto a sua escolha, passando por áreas de exatas e licenciaturas, até decidir ir para humanas e “apostar” na psicologia, onde relata ter se encontrado “peguei gosto pela psicologia, pelo que a gente aprende aqui, acho que, foi como falei, foi uma escolha acertada sim” (Pedro, 2023).

Os alunos que ingressaram no curso que queriam demonstraram maior motivação intrínseca, como se os desafios e as possíveis faltas da instituição fossem minimizadas, como o caso do Erick, que, por interesse e curiosidade pessoal, escolheu ciências econômicas. Segundo o jovem: “porque a inflação, pra mim, não entrava na minha cabeça, imprimir moeda e aumentar a inflação e o povo perder dinheiro, aí por causa disso eu quis entrar nesse curso” (Erick, 2023), demonstrando como a motivação intrínseca frente ao curso também pode ter um papel fundamental para a permanência neste, inclusive a “motivação intrínseca é um melhor preditor para o engajamento do estudante na tarefa” (Porto; Gonçalves, 2017, p. 2).

Como exposto anteriormente, apesar de muitos não conhecerem ou participarem de projetos da AE, os entrevistados demonstraram conhecer bem os projetos acadêmicos dos seus cursos, como os grupos de estudos, onde a maioria participa ou já participou de algum, além dos projetos de extensão, que também foram bem mencionados. E essa participação acadêmica traz uma aproximação com o curso, como no relato da Gabriela (2023) “eu participo de um projeto de extensão, de hortas urbanas e quintais produtivos, desde o primeiro semestre, que me identifiquei”, demonstrando motivação e auxiliando no interesse, logo no pertencimento ao curso, fazendo parte da permanência simbólica. Essa participação ativa dentro dos projetos de ensino, pesquisa e extensão pode ser tão importante para os estudantes que traz o sentimento de pertencimento e da “escolha correta” do curso e/ ou instituição. Esse aspecto também foi ressaltado na pesquisa de Santos *et al.* (2017) que expõe o estudo realizado por Thompson (2007) no qual conclui que para que ocorra o sucesso acadêmico deve existir o sentimento de vínculo e pertencimento com a instituição. Gabriela retrata essa experiência, em seu primeiro ano de graduação, ela afirmou “eu sinto que aqui é uma universidade que acolhe muito a gente” (Gabriela, 2023). Assim, parte desse sentimento de pertencimento pode estar vinculado a sua participação ativa no projeto de extensão desde o primeiro período.

Além da Gabriela, os demais também participam de atividades voltadas ao seu curso, como o Erick que participa do programa de iniciação científica. Já Pedro se encontrou na extensão, sendo a temática do projeto voltado para o ensino de libras, que foi proposto por ele mesmo a uma professora para coordená-lo. Os estudantes também participavam de grupos de estudos, sendo do próprio curso ou de outros cursos que são abertos à comunidade, como o que a Helena participa, de economia política.

Todos relataram que a participação nesses projetos contribuem para sua formação e interesse nos estudos. Como a experiência vivida por Caíque, que acredita que sua participação em um projeto do qual gosta contribui diretamente para sua permanência. Ele acrescentou: “muitas vezes quem me motivou a continuar no curso foi a questão até mesmo do NESA, com a chance de pôr em prática toda a teoria” (Caíque, 2024), sendo o NESA um Núcleo de Ensino Socioambiental aberto para todos os cursos da instituição. Também, como retratado no relato do Erick, que iniciou um projeto ainda no primeiro semestre “logo no início do curso muita gente sai, né, só que aí por causa desse projeto que eu entrei como voluntário, eu acabei ficando mais” (Érick, 2023), posteriormente, ele conseguiu se manter no projeto como bolsista, contribuindo ainda mais, porque o auxiliava também financeiramente.

Bem próximo é relato da Helena, bolsista em um projeto: “ele me ajuda na questão financeira né, foi a única bolsa que eu consegui esse ano” (Helena, 2023), mas também traz o desafio “eu moro em Ururá e a escola que eu tô fazendo PIBIC é aqui no Parque Aurora/Parque Rosário, lá pra dentro, Estadual, então é bem longe pra mim, então assim, querendo ou não, atrapalha um pouco por conta disso” (Helena, 2023). Nisto, a aluna relata questões específicas para a realidade do jovem rural, que muitas vezes enfrenta inúmeras dificuldades para estar na universidade, como o deslocamento, ampliadas na extensão, pois precisam ocupar mais espaços - além da universidade - e o desafio de estar nesses. A Helena traz o contraste que sente entre sua realidade e a dos demais - maioria - dos alunos participantes do mesmo projeto de extensão que moram mais próximos à universidade, “e a gente não tem a mesma realidade de alguns alunos que podem fazer, entendeu?” (Helena, 2023).

Para Gabriela, a extensão também contribui ao mesmo tempo que é difícil, como ela relata “uma coisa que me faz bem, que eu me interesso, me dedico, mas chega um momento que a gente fica sobrecarregado” (2023). Esses desafios às vezes impedem mesmo a continuação da participação desses projetos, como o exemplo da Samanta, que participava de um grupo de estudos do qual teve que sair, pois não conseguia mais conciliar com a sua rotina por “questão da correria mesmo, do horário” (2023), o mesmo aconteceu com o Pedro, que participava de um grupo de estudos no contraturno do seu curso, mas por dificuldades de transporte, teve que se afastar: “eu tenho que ir e voltar de uber, não tem outra opção, que seja menos desconfortável para mim, então por isso mesmo, por exemplo, que não tenho ido mais, porque ficava mais pesado” (2023), mostrando que esses desafios também podem motivar a evasão na extensão.

Com isso, nota-se como essa participação incentiva e contribui para que os jovens sintam-se pertencentes ao curso, conseqüentemente - talvez - a instituição, mas o quanto outros fatores interferem. Sendo o principal deste, a mobilidade, descrito por Santos *et al.* (2017), como “aspecto estrutural” e uma das principais causas de evasão. Entretanto, muitas circunstâncias são motivadoras da permanência, nas entrevistas as principais são intrínsecas, como a persistência exposta por Erick “eu tenho também esse negócio se eu comecei uma coisa eu tenho que terminar” (2023). O sentimento de não ficar parada, como dito pela Gabriela “não quero largar a faculdade e ficar sem fazer nada” (2023), próximo do medo, relatado pela Samanta “fiquei com medo de jogar [fora] todo esse tempo que eu tava na faculdade” (2023), pela dedicação e o investimento financeiro por parte dos pais, com passagem, material e alimentação.

Ainda seguindo a ideia dos pais, eles também influenciam nessa permanência, como no caso da Helena, que é incentivada pela mãe, que não teve a mesma oportunidade de cursar o ensino superior, “ela tem uma realidade que ela não quer pra mim, então ela fala ‘você vai até o fim’, então mesmo desanimada e não querendo eu tô aqui por conta disso” (Helena, 2023). Além da aposta no curso superior, como exposto por Pedro (2023), “eu também não tenho onde me segurar, ninguém aqui é herdeiro, ninguém tem a vida garantida, então a gente precisa se formar, ter um diploma, ser graduado, conseguir emprego, ver o que vai ser depois”, os motivos são múltiplos e não são sozinhos. Como o Caíque (2024), que por ter uma mãe formada no ensino superior, a coloca como seu exemplo “então

tenho um grande incentivo, só segui o ritmo”, há em cada um desses estudantes um conjunto de motivações, tendo estes como exemplos.

Por fim, outra questão muito presente na realidade de jovens oriundos do ensino médio público, como a maior parte dos entrevistados, são os desafios pedagógicos, que são responsáveis por grande parte da evasão universitária, não por coincidência o apoio pedagógico está previsto no PAE. Pode-se notar esse desafio para o Erick, que expôs sua angústia em tentar ingressar no curso de ciência econômicas, quando relata “eu quase não tive aula de matemática no 3º ano” (2023). Ele teve que estudar em plataformas online, externas ao ensino médio para auxiliar nesse aprendizado: “Estudei no Descomplica o ano todo para o ENEM, aí eu vi mais no Descomplica, na escola mesmo não tive nada daquilo, nada” (2023). Entretanto, Erick também fala da importância do nivelamento no início da faculdade, “faz esse nivelamento antes, aí muita coisa que ele deu lá, eu nunca tinha visto na minha vida” (2023), alertando o quão importante isso foi para a sua vida acadêmica.

Helena (2023) também traz os desafios pedagógicos como muito presentes em sua trajetória, “começar escrever pra mim foi um impacto, porque eu nunca vi, nunca tinha lido um artigo por exemplo, então não sabia nem como fazer e a leitura acadêmica é pesada”. Em sua experiência, a didática da disciplina de nivelamento não teve tanto impacto, “não ajudou muito, o professor achava que a gente já tinha que saber, então, ele só falava ‘faz isso, faz aquilo’ e o resto a gente fazia sozinho” (Helena, 2023). Com isso, ela conclui, que “pra você entender, você tem que se dedicar” (2023), denunciando não ter sentido apoio para os desafios pedagógicos na universidade.

Como visto, os desafios pedagógicos do ensino público podem estar presentes no ingresso e continuarem na vida universitária, quando não há o apoio ao mesmo ou um nivelamento adequado, evidenciando as desigualdades da educação básica e exigindo ainda mais “dedicação” dos que se encontram nesse cenário. Entretanto, outras experiências foram vistas entre os entrevistados, que não houve grandes questões pedagógicas, como relata Caique (2024) “mesmo vindo de escola pública, eu tive um bom ensino, considero onde estudei um bom ensino” ou a experiência do Pedro (2023) “acho que o curso de psicologia é bem de boa nesse sentido, os professores têm didática, a gente tem bastante acesso a eles também”. Esses relatos reforçam a importância de uma educação básica adequada, que aproxime o aluno da realidade do ensino superior e, quando essa não acontece, que exista uma política de acolhimento na universidade que compreenda a realidade dos estudantes e forneça a didática necessária.

“É bem diferente de lá, onde eu moro, pra cá, né”: ser jovem rural e estudante da UFF Campos

Ao falar sobre jovem rural, está se falando de algumas características compartilhadas por uma comunidade, mas que existe pluralidade dentro desta. Como o pensamento de Troian e Breitenbach, “existem diferentes modos de ser jovem, porque a juventude é plural e heterogênea” (Troian; Breitenbach, 2018, p. 793), ou seja, mesmo no meio rural, existem diferentes experiências, incentivos, realidades e subjetividades em todos os processos, que afetam até mesmo o seu sentimento de pertencimento.

Aqui será visto a vida em dualidade, como o jovem rural, ainda vivenciando esse contexto rural, é afetado na vida acadêmica, sendo está em uma instituição localizada em área urbana, como se dá o deslocamento, também a experiência de culturas e vivências diferentes. Não apenas do rural para o urbano, mas ainda mais ampla, a partir de uma universidade federal, onde ingressam alunos dos mais variados contextos, desde municípios vizinhos até mesmo estados mais distantes.

Para todos os alunos entrevistados o maior desafio de ser jovem rural e estudar na UFF Campos está pelo deslocamento, por este demorar muito, como o caso da Gabriela (2023), que resume o seu

deslocamento como “é cansativo”, pois leva até 1 hora e 30 minutos no transporte público de sua casa para a instituição e o mesmo tempo no percurso de volta. Situação parecida acontece com a Samanta (2023), que leva no mínimo 40 minutos no transporte público, tempo esse que ela relata como “desgastante”, uma vez que é um tempo gasto que poderia ser usado estudando ou descansando. “A volta também é muito cansativa, por ser um curso noturno, então chego e no dia seguinte tudo aquilo de novo, eu acho complicado” (Samanta, 2023).

Outros exemplos também são expostos por Caique, que muitas vezes retornava a pauta de mobilidade, como um dos principais motivos de já ter pensado em desistir do curso, por “desgaste, moro em lugar longe, para pegar ônibus de noite, teve professor na minha época que não aceitava sair cedo” (Caíque, 2024). A mobilidade prejudica tanto, que muitas vezes é a causa de suas faltas, em momentos como “semana passada, o ônibus quebrou” (Caíque, 2024) e também sua desmotivação de ir, “às vezes eu já chego na UFF pensando o ônibus que eu vou embora, chego umas 18h30min para pegar o ônibus 20h30min, muitas vezes penso em nem ir” (Caíque, 2024).

Como dito, a mobilidade é uma demanda para todos, mas para além do tempo de deslocamento, outros pontos são considerados, como o Erick que - por fazer um curso integral - ainda relata o tempo de espera “tinha aula de 7 horas às 9 horas e depois eu não tinha aula até 14 horas da tarde, aí não dá pra voltar em casa” (Érick, 2023). Mesmo com um intervalo de cinco horas entre uma aula e outra, considerava maior o desgaste de retornar para a casa - maior gasto com passagem também - então era preferível continuar aguardando na instituição.

Para além, o Pedro ainda traz a sua maior dificuldade, ao relatar “pessoa com deficiência é o principal desafio, porque é uma coisa diária” (2023), por esse motivo, muitas vezes ele opta por utilizar o aplicativo de carro particular (Uber), o que demora para aceitar corrida e acaba sendo mais caro. E, ainda traz outros sentimentos por essa distância, para além do maior tempo de deslocamento, desgaste e gasto, que é sobre o contato com os demais colegas de turma, que em sua maioria se encontram próximos à universidade. “Se eu quero sair, eu tenho que me programar, é um evento sair de casa num sábado, e a pessoa tá ali do lado, na esquina” (Pedro, 2023), um relato sincero e cotidiano dos jovens rurais, que além de sentirem dificuldades de fazer parte da agenda e rotina institucional, também não conseguem se fazer tão presentes no eventos, tendo - muitas vezes - um menor contato com os outros estudantes, por não conseguirem estar presentes e criarem um vínculo maior fora do espaço acadêmico.

Outro sentimento retratado foi da Helena, que relata está acostumada com a rotina e o tempo de deslocamento, mas tem dificuldades com os gastos deste e ainda sente o desamparo com a instituição, ao relatar “eles têm mais cuidado com o pessoal da área central, tipo os ônibus da UFF, acho que eles pediram, mas ao mesmo tempo fico pensando, existem outras pessoas também, que moram em lugares afastados” (2023), Helena está falando neste ponto sobre o “BusUFF”, ônibus da universidade.

O “BusUFF” é um ônibus universitário da própria universidade, que é disponibilizado, a partir do levantamento da demanda estudantil feito por coleta de endereços e pesquisa, para traçar uma rota possível dentro do município de forma a abranger o maior número de alunos. Entretanto, o município de Campos dos Goytacazes é territorialmente bem extenso, então, não é possível alcançar todas as suas áreas. Apesar do “BusUFF” ser uma grande vitória universitária, ele ainda está mais concentrado na área central do município, tanto pelo desafio de alcançar maior distância, quanto pela menor demanda dessas, uma vez que os alunos que vivem em áreas rurais do município ainda são minoria na UFF.

Mas, com as queixas dos universitários, a rota do “BusUFF” foi se ampliando, atualmente, tem uma rota maior, que alcança mais alunos. O único aluno entrevistado que poderia ser contemplado pelo “BusUFF” foi o Erick, mas o mesmo expõe: “não utilizo o ‘BusUFF’, pelo trajeto dele eu teria que me locomover da mesma forma pra pista, porque ele passa pela rodovia” (2023). Fazer esse percurso para o Erick pode ser mais cansativo, por isso, ele utiliza muitas vezes, aplicativos de carro particular

(Uber), como já dito, pois relata que “por conta da deficiência, eu tenho mais dificuldade de locomoção, de andar, é difícil, dói” (2023).

Além do ônibus universitário disponibilizado pela própria instituição, existem muitos exemplos de prefeituras que promovem a política pública de mobilidade estudantil. Como vários municípios vizinhos que disponibilizam ônibus universitário de seu município até o município de Campos dos Goytacazes, por este ter um grande atrativo de cursos superiores. Mas, ainda pensando na mobilidade dos jovens rurais dentro do seu próprio município, inicia-se em outubro de 2023, o ônibus universitário de Campos, em nível municipal, sendo destinado para jovens de localidades rurais. Atuando em dois turnos: manhã e noite, com variadas rotas e alcançando todos os distritos do município. Dos alunos aqui entrevistados, a única inscrita no programa foi a Gabriela, mas que relatava acabar não utilizando, pois “não bate o meu horário” (2023). Essa política foi uma vitória da união dos estudantes, dos mais diversos distritos e universidades, públicas e privadas. Sendo ainda uma política pública recente, com possibilidades de ampliação.

Apesar do maior desafio exposto por todos entrevistados estarem ligados a política de mobilidade do município e ao contexto de deslocamento entre rural e urbano, a atual localização da instituição, que se encontra na área central, próxima a principal avenida do município e ao principal terminal rodoviário é um fator importante a ser considerado. Esse é inclusive um ponto que pode motivar a escolha por ingressar nessa universidade, como no caso da Gabriela, já relatado aqui: “eu gosto porque acho ela perto, porque é na 28 [Avenida 28 de Março]” (2023).

Ao questionar aos entrevistados o que a UFF poderia fazer para auxiliar em sua permanência, não foi nenhuma surpresa que todos falassem sobre transporte, até por tudo já citado, esse segue sendo a principal queixa deles. Eles reconhecem o “BusUFF” como uma iniciativa política de grande impacto para o universitário, comprovadas por falas como do Erick “não utilizo o BusUFF, mas é uma iniciativa ótima” (2023) e da Samanta “até acho a questão do BusUFF interessante, mas assim, acabou não me contemplando porque é muito longe e eu entendo” (2023), mas que também revelam como não são contemplados por essa. Também surgem ideias como do Caíque de “aumentar os próprios ônibus da UFF” (2024) e da Gabriela: “colocar um ônibus para levar a gente, principalmente o pessoal que mora lá na área rural, né” (2023).

Um segundo ponto importante para os entrevistados seria a instalação de um restaurante universitário (RU) na UFF Campos, como citado por Gabriela “acho que o principal seria um RU, para a gente se alimentar aqui, de forma fácil para os estudantes pagarem, porque a lanchonete que tem aqui é um preço elevado, eu diria” (2023); por Erick, “seria bom a parte de RU, ajudaria bastante, ainda mais nessa parte de ficar o tempo todo, ter que gastar dinheiro para comprar as coisas” (2023); e por Pedro “poderia ter o bandeirão né, o almoço aqui se fosse 20 centavos e não 20 reais, ajudaria muito” (2023). Todas essas falas indicam mais um desafio daqueles que ocupam esse espaço, integralmente ou em um único turno, o desafio não está apenas na alimentação, mas no gasto para essa e o quanto isso influencia na possibilidade de permanência.

Na UFF Campos, como já exposto aqui, entre as bolsas e auxílios, encontra-se o auxílio transporte e auxílio alimentação, mas - a partir das entrevistas - é possível notar que os estudantes pedem por mais que isso, mais do que um valor simbólico em suas contas mensalmente, querem sentir o cuidado da mobilidade e da alimentação. E, seguindo as suas próprias queixas, em terceiro lugar temos a ampliação de auxílios como um fator importante para a permanência.

Os auxílios que os estudantes em situação de vulnerabilidade social recebem são uma forma de suprir a falta de uma estrutura universitária que deveria ser para todos. Como, por exemplo, na UFF Campos, o auxílio alimentação, o auxílio moradia e a bolsa de apoio ao transporte que suprem a falta, respectivamente, de um restaurante universitário, de uma moradia estudantil e de um transporte universitário com uma rota ampliada. Frente a falta dos recursos estruturais, os auxílios são importantes

para a permanência dos jovens rurais, como presente na fala do Pedro “a bolsa me ajuda muito a permanecer” (2023). Quando esse não contempla a todos, a sua ampliação se faz necessária, como relata Caique (2024) “lutar por mais auxílio financeiro, porque é cansativo e complicado, muitas vezes dá vontade de desistir”.

Para além disso, Helena ainda manifesta seu descontentamento com o processo de seleção dos auxílios/ bolsas, “porque eles não dão bolsa pra quem realmente precisa, então desanima, acho que poderiam melhorar um pouco essa burocracia, porque eu vejo que é uma burocracia muito grande pra você conseguir uma bolsa e mesmo assim não consegue” (2023). Os jovens reclamam de serem muitos documentos enviados para esse processo e existe uma fila de deferidos (com direito a receber o auxílio/ bolsa) que não são contemplados (recebem auxílio/ bolsa), por insuficiência de verba da PNAES.

Por fim, outros pontos foram expostos, como a conscientização dos professores frente a pluralidade das demandas enfrentadas pelos alunos, como atrasos ou terem que sair mais cedo da aula por causa das dificuldades com transporte público. Helena contou um episódio no qual ela se atrasou para a aula por causa de um acidente que envolvia uma criança, o que a deixou muito abalada. Ela acrescentou que a conscientização dos professores, no lugar de reclamações, seria importante, “eu não me atrasei porque queria, porque o trânsito parou por conta de acidente, e outra coisa, BR, onde eu moro é BR, então, é muita coisa, é acidente, querendo ou não” (2023). Samanta também narra sua experiência: “tem professor que não entende, que tipo assim, dá atividade avaliativa tarde da noite, quando tá perto da pessoa sair e nem se importa” (2023).

Além de outras contribuições, como o próprio espaço da instituição e o que ele disponibiliza, como biblioteca, sala de estudos, laboratórios, como sinalizado por Gabriela “tem que vir até a UFF e às vezes vem e os computadores daqui não estão funcionando” (2023). Espaços esses que são de grande importância para os estudos, pois a utilização dos materiais necessários, pode promover a diminuição das desigualdades e oportunidades de dedicação dos alunos.

Quanto à representação dentro da instituição, todos os entrevistados relataram que conseguem se identificar com outros alunos, que vivenciam uma realidade próxima a sua, mesmo sendo minorias. E essa identificação causa proximidade entre as pessoas, como no caso do Caique “tenho muitas amigas que também passam dificuldade” (2024), Erick “quando eu entrei tinha uma amiga minha, ficamos muito amigos e ela mora aqui perto também” (2023) e Helena “eu tenho algumas amigas, uma que mora em Uruaí também” (2023), mostrando como é importante a identificação para a criação de elo, até mesmo de uma rede de apoio. Encontrar pessoas que vivem experiências semelhantes às suas, que moram em locais próximos, pode promover o sentimento de pertencimento na universidade, por ver que esse local também é feito para pessoas da sua realidade. E, quando não há inicialmente esse pertencimento, - pois é fruto de uma política que democratiza o ingresso na universidade, mas que ainda demonstra falhas na democracia de sua permanência - é necessário que os alunos que já ocupam esse espaço, “vivenciando essa realidade que antes era lhes negado, possam conjuntamente resistir e lutar por sua permanência” (Padua, 2018, p. 65), assim criando uma rede de apoio e identificação e, também, de luta para melhorias na política de permanência.

Apesar da identificação, o Pedro traz a reflexão de que não há inspiração, pois apesar de encontrar alguns poucos colegas com deficiência, ele evidencia a falta de pessoas com deficiência em outros espaços, como no corpo docente “a gente não tem nenhum professor que seja deficiente aqui, eu acho, na psicologia não” (2023). Ele acrescenta que essa é uma realidade que vem sendo mudada, pois “tem colegas que chegam juntos, professores também, acho que a gente tá tendo essa maior oportunidade de debater, por mais que ver pessoas com deficiência aqui na faculdade ainda seja difícil” (2023). Ele traz uma importante reflexão, pois através da democratização do ingresso universitário gerou uma mudança do perfil discente (Simões, 2018), com isso ampliou-se também os debates na instituição, a partir da entrada dos grupos socialmente marginalizados, possibilitando agora a ocupação em outros e

futuros cargos, ainda não muito ocupados atualmente, por exemplo, por pessoas com deficiência.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa demonstra que políticas públicas, como a Lei de Cotas, auxiliam a mudança do perfil universitário, garantindo maior pluralidade nos mais diversos cursos, juntamente com a Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI), que possibilitou a maior ampliação do ensino superior público, a partir da sua interiorização e a ampliação das suas unidades já existentes. A UFF Campos é fruto dessa política, pois foi a partir do REUNI que a instituição passou a oferecer novos cursos e expandir o número de alunos matriculados.

Mas, viu-se também que essa ampliação do acesso à universidade pública não foi suficiente para que os alunos consigam se formar nela, sendo necessárias políticas para possibilitar a permanência universitária, como a PNAES, exercida pela Assistência Estudantil, a partir de variados auxílios e bolsas estudantis. Porém, essas políticas de permanência não são voltadas para todos os discentes e, por vezes, não alcançam o público principal ao qual são destinadas devido às poucas vagas disponibilizadas frente à demanda. Com isso, amplia-se a possibilidade de evasão, pois os desafios de permanência dos jovens rurais à instituição não são minimizados. Quando não há evasão, pode existir, como vimos no decorrer da pesquisa, outros meios de auxílio para esse jovem permanecer ou outras formas ‘criativas’ do mesmo continuar.

Para além dessas políticas de assistência baseadas na transferência de renda, notou-se também o quão importante se faz as ações da Assistência Estudantil que envolvam a permanência simbólica. Apesar de que essas ainda caminham de forma lenta, esse cenário vem mudando, a partir da atuação de maior busca ativa por parte dos profissionais da Assistência Estudantil, com a “Semana de Acolhimento” e o “Grupo de Apoio ao Ingressante”, fornecendo maior informação sobre o seu funcionamento, acolhimento e demonstra para os novos estudantes que são uma política universitária voltada para eles, atuando diretamente na sua permanência.

Outro dado muito interessante analisado foi a importância da articulação entre pesquisa, ensino e extensão para a permanência dos estudantes, onde eles saem da participação passiva de sala de aula e iniciam uma participação mais ativa como pesquisadores, monitores e/ou extensionistas. Foi visto que essa participação contribuiu diretamente para o sentimento de pertencimento, de identificação e foi, muitas vezes, o motivador para a continuação dos estudantes no curso. Juntamente com isso, existe outro fator importante na pesquisa, que são as bolsas de iniciação científica e de extensão, que auxiliam que esse aluno possa, além da motivação e participação ativa, se manter financeiramente e se dedicar a sua vida acadêmica. E uma novidade desta, é que no ano de 2024, a UFF reservou 50% das bolsas de iniciação científica e extensão para alunos que ingressaram na universidade por ação afirmativa para pessoas pretas, pardas e indígenas, também para pessoas com deficiência.

E, ao pensar-se em auxílios e bolsas, observou-se como essas ainda têm papel fundamental na vida acadêmica. Durante essa pesquisa algumas mudanças ocorreram, como o envio de documentos mais facilitado, sendo este on-line, poderia ser replicado, a partir da assinatura de um termo alegado que não houve mudança de renda e ainda seria válida a mesma avaliação socioeconômica do processo anterior. Essa mudança facilitou para o estudante, que já participou do processo anterior, não precisasse buscar vários novos documentos e adiantou a avaliação socioeconômica, feita pela Assistência Estudantil, fazendo que o processo fosse mais rápido. Outro ponto histórico foi que no edital de Bolsas 2024 todos os deferidos, até a 4ª chamada, foram convocados para assinatura do termo de compromisso, entretanto parte expressiva desses não assinaram, cabendo a análise dos motivos, podendo ser um deles a evasão.

Como vimos, a mobilidade está entre os desafios encontrados por todos os jovens entrevistados, sendo até mesmo, em alguns casos, o principal desafio encontrado. Reconhecendo-se isso, outra política pública recente foi em nível municipal, com os ônibus universitários de Campos. Que possibilitando o melhor acesso e permanência dos jovens rurais ao ensino superior, mostra que as universidades também estão abertas e ocupadas por estudantes vindos das mais diversas zonas rurais de Campos dos Goytacazes.

Contudo, fica-se o sentimento de que muitas lutas ainda precisam acontecer, muitos direitos ainda estão ausentes e, ainda existe um caminho a se percorrer em relação à melhor distribuição desses direitos e diminuição da desigualdade social. Entretanto, essa pesquisa mostrou que essas políticas públicas vêm sendo o diferencial na vida de muitos jovens que, a partir de muita determinação, pertenceram, pertencem e pertencerão a esse espaço e, ainda, muito mais lugares, que assim desejarem.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 14.914, de 2024**. Brasília: [s.n.], 2024. Disponível em:

<https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2023-2026/2024/Lei/L14914.htm>. Acesso em: 30 nov. 2024.

CASTRO, E. G. **Os jovens estão indo embora?: Juventude rural e a construção de um ator político**. [S.l.]: Edur, 2009.

MARTIN-BARÓ, I. **Crítica e Libertação na Psicologia: Estudos Psicossociais**. [S.l.]: Vozes, 2017.

PADUA, D. S. **A expansão do ensino superior no Brasil: a mercantilização, o acesso e a luta pela permanência**. [S.l.: s.n.], 2018. Faltam dados da editora ou revista nesta referência original.

PAES, R. S. S. Z.; BARCELOS, J. L. P. B. Permanência Escolar: Contribuições do trabalho da Psicologia na Coordenação de Assistência Estudantil. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Ed.). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. [S.l.]: EDUFPI, 2017. v. 4. P. 50–64.

PATTO, M. H. S. **Psicologia e ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar**. [S.l.]: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2022.

PORTO, R. C.; GONÇALVES, M. P. Motivação e envolvimento acadêmico: um estudo com estudantes universitários. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 21, n. 3, p. 515–522, 2017. DOI: 10.1590/2175-35392017021311192.

SANTOS, V. C. A.; SOUZA, S. B.; MORAIS, A. X. Clima Escolar e suas possibilidades: transitando entre a estrutura e ação. In: NEGREIROS, F.; SOUZA, M. P. R. (Ed.). **Práticas em psicologia escolar: do ensino técnico ao superior**. [S.l.]: EDUFPI, 2017. v. 3. P. 118–134.

SIMÕES, C. F. **Da democratização do acesso ao desafio da permanência: a experiência dos cotistas sociais do instituto de ciências da sociedade e desenvolvimento regional da universidade federal fluminense - ESR/UFF**. 2018. Diss. (Mestrado) – Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (UENF). Disponível em: <<https://uenf.br/posgraduacao/politicas-sociais/wpcontent/uploads/sites/11/2018/05/CASSIANA-FERREIRA-SIM%C3%95ES.pdf>>.

TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Jovens e juventudes em estudos rurais no Brasil. **INTERAÇÕES**, p. 789–802, 2018.

VARGAS, H.; HERINGER, R. Políticas de Permanência no Ensino Superior Público em Perspectiva Comparada: Argentina, Brasil e Chile. **Education Policy Analysis Archives**, v. 25, n. 72, 2017. ISSN 1068-2341.